

Lançamento do Livro Maçonaria e Simbologia: Uma Análise do Preconceito Através da História e da Psicologia.

Marcel Henrique Rodrigues¹

Realizou-se, no último mês de Setembro, o lançamento do livro: “Maçonaria e Simbologia: Uma Análise do Preconceito Através da História e da Simbologia”, ocorrido na Biblioteca Municipal de Sumaré/São Paulo. O livro consiste no trabalho de pesquisa em Iniciação Científica, financiada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. A investigação, proposta no projeto inicial, principiou-se com a pesquisa bibliográfica, o que levou a um minucioso processo de coleta de dados, visto que boa parte do material encontrado não tinha o caráter científico* necessário para, por si só, garantir uma pesquisa de qualidade. A pergunta inicial, levantada no projeto, consistia em ponderar, de maneira científica, os motivos da existência do preconceito em torno da Maçonaria que muitas vezes fora, e ainda continua sendo, taxada como um culto satânico. O questionamento foi levantado após pesquisas precedentes em torno da Simbologia das religiões, realizadas durante a graduação em Psicologia. Toda a pesquisa, de modo geral, priorizou pela investigação de obras de autores de renome como Campbell, Eliade e Jung, juntamente com outros historiadores e antropólogos. Além disso, foram realizadas visitas técnicas no exterior, e análise de documentação histórica, relativas à Maçonaria, sendo que muitos destes documentos se encontram no Arquivo Nacional de Portugal – Torre do Tombo.

Palavras-Chave: Maçonaria. Livro. Simbologia.

Artigo Recebido em: 06/11/2014

Aceito em: 23/02/2015.

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL. Membro da ABHR. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com.

* O termo científico, para esta pesquisa, refere-se aos estudos na área da Antropologia, da História e da Ciência das Religiões. Optou-se, nesse estudo, não adentrar em apologias ou afirmações de cunho místico e metafísico.

Introdução

O presente livro teve seu início, na realidade, com investigações anteriores, durante os períodos de 2010-2012, em que se pesquisou a relação entre Símbolos, Religiões e a Psicologia. Estes três enfoques de estudo deram origem para mais um: a História, sobretudo, a História das Religiões. Nos primeiros momentos de pesquisas percebemos como o estudo da simbologia religiosa poderia, de fato, atrelar-se com outras disciplinas das ciências humanas, como a Psicologia, a História, a Antropologia, dentre outras áreas (RODRIGUES, 2012).

Nos estudos anteriores concluímos que as religiões são, em grande parte, detentoras da simbologia sagrada, produzida durante a evolução histórica da cultura humana. Muitos símbolos foram passados de religiões para religiões com, às vezes, pequenas alterações em seus significados. Foi com o que ocorreu durante a conversão dos pagãos para o Cristianismo, no início da era cristã.

No entanto, não foram somente as religiões que “arcaram” com o depósito de símbolos produzidos pela cultura. A simbólica sagrada, por assim dizer, foi adotada por outras tradições filosóficas e místicas, dando aos símbolos um profundo caráter hermético e esotérico. Como menciona Lurker (2003), este foi o caso das sociedades secretas, que se apresentaram no decorrer de toda História. As sociedades secretas, pelo fato de fornecerem uma interpretação esotérica e hermética para a simbologia adotada, tornaram-se sociedades iniciáticas, ou seja, para conhecer os segredos e mistérios de sua simbologia e de seus rituais, o postulante deverá passar por um rito de iniciação. As sociedades secretas, hoje conhecidas como sociedades discretas, permanecem no seio da nossa atual sociedade, como é o caso da Maçonaria, da Rosa-Cruz, da Teosofia, dentre outras.

A escolha pela Maçonaria, como sociedade filosófica, ocorreu pela sua ampla disseminação pelo mundo, pela sua influência em diversos acontecimentos históricos, e o motivo mais importante: a popular crença de que a Maçonaria seja uma seita satânica.

A pesquisa organizou-se com o intuito de explicar as origens desta crença. Para tanto, a investigação tomou duas vertentes: a vertente histórica e a vertente psicológica para explicar essa arraigada crença popular.

No âmbito histórico e antropológico utilizamos considerações que expõem teorias sobre a formação de sociedades secretas, durante o decorrer da História, expostas por autores como Frazer (1978), Campbell (2010) e Eliade (2011). Juntamente com estas considerações sobre a formação de sociedades secretas, fizemos um levantamento de como o ser humano é,

por si só, simbólico. Ou seja, durante vários períodos de diversas culturas, o homem criou, cultivou e cultuou símbolos que possuem a característica de representar aspectos abstratos, como a própria divindade, por exemplo. Alicerçamos nossa investigação com ponderações da própria existência da simbologia religiosa, desde tempos muito remotos.

Na sequência delineamos sobre as possíveis origens da Maçonaria, como sociedade de pedreiros medievais, que construíam belas catedrais em estilo Gótico, até adentrarmos no século XVIII, período em que a Maçonaria toma a sua forma atual. Foi também neste período que a Maçonaria começou, de fato, a influenciar na sociedade, principalmente, através da política.

Um longo estudo histórico demonstrou, de certa forma, que a Maçonaria, desde sua fundação, em meados do século XVIII, entrou em choque com os ideais da religião cristã europeia e dos estados monárquicos absolutistas da época, pois, promulgava a liberdade religiosa e política do homem. Assim, por este motivo, fora entendida como uma fraternidade suspeita de conspirar contra o Estado e contra as igrejas. Foi a partir deste período que diversas teorias surgiram para explicar o que era, de fato, a Maçonaria. Por ser considerada uma sociedade secreta, que reunia homens adornados por símbolos esotéricos e com um véu ocultista e cheia de segredos, foi tida como uma religião antagônica ao Cristianismo, fazendo assim com que a teoria dela ser realmente uma fraternidade satânica ganhasse força.

A explanação histórica, desde a análise da utilização da simbologia religiosa, nos primórdios da humanidade, como a formação de sociedades secretas e, sobretudo, da Maçonaria, tomou grande parte do trabalho proposto. A ciência histórica tornou-se o principal alicerce do trabalho, passando-se depois, para a ciência psicológica.

É na Psicologia Profunda, de Jung (2008) e na Psicologia Transpessoal, que encontramos alguns vieses para a explicação da citada problemática. As deduções refletem que os acontecimentos históricos, como as sanções que a Maçonaria sofreu, durante a sua história, e o monopólio dos símbolos sagrados, pelas religiões institucionalizadas, geraram uma concepção coletivista, uma espécie de inconsciente coletivo, disposto a condenar aquilo que é “desconhecido”, oculto e atípico, como no caso, da Maçonaria.

1 Objetivos do lançamento da obra:

O lançamento do livro consistiu em diversos objetivos, entre eles: entender os motivos pelos quais a Maçonaria ainda permanece sendo considerada, de certa forma, como uma fraternidade satânica, com fins maléficos; estabelecer laços entre a História e a Psicologia para compreender a utilização de símbolos religiosos; demonstrar como a Psicologia, como ciência, pode abraçar outros campos de investigações que vão além dos estudos das desordens psíquicas; certificar que o estudo dos símbolos e das religiões possui validade científica quando baseado em dados históricos e antropológicos; incentivar novas pesquisas na área histórica e antropológica, dentro da graduação em Psicologia.

2 Desenvolvimento

Como mencionado anteriormente, a investigação visou o estudo da simbologia, colocando a Ordem maçônica como foco da pesquisa. Para buscarmos respostas para o questionamento concernente ao preconceito existente em torno dessa Ordem, investigamos referências nos clássicos da História e da Antropologia sobre sociedades secretas, rituais e simbologia. Embora o tema apresentava-se de forma muito amplo, acolhemos primeiramente os estudos de Campbell (2010), Eliade (2010) e Frazer (1978).

Os primeiros capítulos do livro versam sobre a necessidade do homem, desde tempos imemoriais, de produzir símbolos, principalmente, para fins de cultos e ritos religiosos. Campbell (2010) estudou sobre a simbologia religiosa em diversas culturas, incluindo as origens das sociedades secretas. Este estudioso acredita que a partir do momento que o senso de religiosidade se expandia na história da cultura, também surgiam grupos, às vezes constituídos somente por homens, que formavam “sociedades secretas” de caça de animais selvagens, que tinham um fundo religioso. Campbell (2010) chegou a essas suposições após estudar cavernas rupestres, da era Paleolítica. Os estudiosos estabelecem, com suposições antropológicas, que o uso de simbologia religiosa e a existência de sociedades secretas foram, desde muito tempo, “produtos” oriundos da própria cultura.

Deste modo, demos continuidade ao trabalho ponderando sobre o uso de simbologia religiosa, sobretudo pelo Cristianismo e antigas religiões pagãs. Em paralelo foram discutidas sobre a difusão de símbolos religiosos, nas mais diversas culturas e estabelecemos também contato com a história de diversas sociedades secretas que surgiram, sobretudo, na era grega e romana, e que impunham ritos de iniciação e segredo entre seus membros. Também foi

apontada a questão do apogeu do Cristianismo sobre o mundo pagão que, de certa forma, suprimiu todas as deidades e os símbolos da antiga religiosidade pagã. Este período, estudado por Carpenter (2008), foi um período em que, grande parte dos símbolos pagãos tornou-se parte do simbolismo cristão, mudando somente seus significados. Carpenter (2008) admite que desde este período até a Idade Média, qualquer símbolo e rito que se encontrassem fora do contexto cristão deveriam ser considerados pagãos, sendo, agora, sinônimo de satânico.

Após o estudo histórico deste panorama, a pesquisa passou a percorrer momentos durante a Idade Média em que, mesmo sob o forte domínio de Igreja Católica, grupos se reuniam, secretamente para estudar assuntos como Astrologia e Numerologia. É durante a Idade Média que muitos clubes secretos se reuniam para explorar os aspectos do universo de forma diferente daquela proposta pela dogmática da Igreja Católica.

Ponderamos também sobre os possíveis indícios do início da Maçonaria, no contexto da Idade Média, período este de construção das grandes igrejas em estilo gótico. Esta etapa da pesquisa foi amparada pelo Centro de Estudos de História Religiosa, Centro este vinculado à Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Tal período, denominado de Maçonaria Operativa, de fato existiu, como comprovou Jacq (1980).

Na sequência, após o estudo da existência de maçons operativos, nas guildas medievais, e da suposta existência de conhecimento esotérico entre seus membros, a pesquisa prosseguiu para o surgimento da Maçonaria Especulativa, em 1717. Este novo período para a Maçonaria foi também um período em que a mesma entra em choque com os costumes estabelecidos. Podemos considerar que, de certo modo, a Maçonaria “surgiu”, neste período, como um clube filosófico, de cunho secreto, que promulgava, mesmo que discretamente, a liberdade de consciência do ser humano, ou seja, lhe retirava as amarras do dogmatismo religioso. O período é bem estudado por Benimelli (2010). O autor aponta que, mesmo antes de 1717, a Maçonaria já apresentava um risco para o monopólio das igrejas (Católica e Protestante), bem como para o Absolutismo dos Estados monárquicos. O risco, como lembra o estudioso, estava no fato da promulgação do homem, como um ser racional composto de liberdade de consciência e opinião. Este “racionalismo”, proposto pela Maçonaria da era Moderna, chocou-se com as propostas das igrejas e dos Estados absolutistas. O apogeu desse senso de liberdade do homem ocorreu com a eclosão da Revolução Francesa, em 1789, que, para estudiosos do período, fora arquitetada pela Maçonaria.

É importante fazer uma menção de que a pesquisa não teve como proposta, defender a Maçonaria, ou mostrar que a mesma sempre foi um grupo de homens fracos e oprimidos, que

estiveram em constante perseguição. Não! Pelo contrário, pois, muitas vezes, a Maçonaria mostrou-se como um forte “ramo” da sociedade com grande influência na cultura ocidental, sobretudo no campo da política e da religião. Além da influência no campo social, a Maçonaria mostrou-se como uma “concorrente” às religiões da época, visto que a simbologia utilizada era de caráter sacro. A utilização de simbologia esotérica, também foi um fator que chamou a atenção, sobretudo do clero cristão, que, em vários momentos, afirmou que a Maçonaria era “resquício” de antigos cultos pagãos, portanto, contrários aos valores do Cristianismo. (BENIMELI, 2010).

Neste período, mesmo após 1717, perseguições políticas e eclesiásticas foram efetuadas contra os maçons, considerados inimigos do Estado e da religião cristã. Foi na Torre do Tombo, em Portugal, que encontramos diversos documentos, da época da inquisição portuguesa, que revelam essas perseguições e condenações. Os maçons eram claramente chamados de irmãos do diabo, criando-se, assim, cada vez mais o consenso de que a Maçonaria era uma espécie de culto diabólico.

3 Resultados

Os resultados foram bem claros. Um estudo histórico, tanto dos símbolos religiosos, como da própria história da Maçonaria, revela os motivos para que até hoje exista preconceito em torno da Ordem. A pesquisa contou com o auxílio do campo de saber da História, pois consideramos que certos acontecimentos, no início da era cristã, como a proibição de antigos cultos religiosos não cristãos, que foram taxados como diabólicos, foram utilizados contra a Maçonaria, fortalecendo a crença de a mesma ser uma fraternidade diabólica.

Toda a temática, acima relatada, e amplamente explanada no livro, revela fatos históricos que são preciosos para entender a então distorcida crença popular sobre um suposto culto diabólico na Ordem maçônica.

O livro também discute sobre o uso da simbologia religiosa, desde tempos muito remotos. Os símbolos surgiram, e ainda permanecem, segundo Jung (2008), como a maior fonte de expressividade da subjetividade humana.

Conclusões

As sociedades secretas, ou discretas, sempre existiram na História da humanidade, bem como o uso de simbologia religiosa. A origem do preconceito contra a Maçonaria advém de sua própria historicidade. De fato, como explorado, a Ordem sofreu diversas perseguições e acusações, principalmente após sua oficial formação, em 1717. O uso de símbolos místicos, e seu caráter de “segredo maçônico”, foram fundamentais para as suspeitas de satanismo em relação à Maçonaria, que ganhou o título de “Seita anticristã”. É proposto que tudo o que difere da normalidade, como no caso da Maçonaria, com seu simbolismo e mistérios, tende a ser condenado e temido pelo público em geral.

O lançamento do livro ocorrido na Biblioteca Municipal de Sumaré foi prestigiado por membros de diversas Lojas Maçônicas, pertencentes no Estado de São Paulo, e pela prefeita da cidade, Cristina Carrara que salientou a importância das pesquisas científicas e suas contribuições para a sociedade.

Como autor, recebi uma homenagem da ARLS José de Arimatheia (GLESP) de São Paulo, além de uma Moção de Congratulações da Câmara Municipal da cidade de Sumaré.

A obra foi divulgada pela Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) e pelo Jornal da Ciência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

O Livro pode ser adquirido pelo site da editora Multifoco, pela livraria Cultura e na Estante Virtual. Posteriormente terá sua versão *e-book*.

REFERÊNCIAS

- BENIMELI, J. **Arquivos Secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria**. São Paulo: Madras, 2010.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva**. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: origens e significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **História das Crenças e das Ideias Religiosas I: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FRAZER, J. **O Ramo de Ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- JACQ, C. **A Mensagem dos Construtores de Catedrais**. Lisboa: Instituto Piaget, 1980.
- JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- RODRIGUES, M. **Algumas Considerações Sobre o Estudo da Simbologia Religiosa**. *Percurso Acadêmico*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 30-43, jan./jun. 2012.